



O pavão e o condor

O punho e a renda, de Edgard Telles Ribeiro

Francisco Prosdocimi*

Um narrador sem nome. Uma época de chumbo. Espionagem, troca de informações sigilosas, uma verdadeira rede criminosa internacional. O cenário é a América do Sul, inicialmente nas décadas de 60 e 70. O golpe militar brasileiro é deflagrado em 64 e as intrigas vão sendo tecidas nos bastidores do executivo. O clima é sombrio, não se pode confiar em ninguém. Personagens são conhecidos apenas por codinomes e suas representações são tão verossímeis que parecem históricas: retratos sórdidos de um país que muitos prefeririam esquecer. Destinos de brasileiros são decididos por poderosos que, reunidos em torno de uma mesa de pôquer, parecem mais preocupados com o desenrolar de suas próprias carreiras do que com a justiça, a igualdade, o humanismo ou a democracia. Tudo vale a pena quando a questão é participar do pequeno mundo que controla a política externa internacional em um planeta sob a sombra da guerra fria. Ficção ou realidade?

É esse o clima do romance *O punho e a renda*, do diplomata e escritor Edgard Telles Ribeiro (2010), dedicado às peripécias de um jovem diplomata brasileiro que tenta acompanhar e seguir uma figura sinistra, mas extremamente elegante, inteligente e charmosa: o colega de diplomacia Marcílio Andrade Xavier, conhecido amplamente como Max – soma das três primeiras letras de

* Escritor e professor adjunto do Instituto de Bioquímica Médica (UFRJ).

seu nome – e, nos arquivos da CIA, pelo codinome de Sam Beckett. Esse controverso e bem apessoado membro do Itamaraty é um dos responsáveis pelas transformações da política internacional de um continente inteiro em uma espécie de teatro do absurdo por meio do qual os norte-americanos garantem o controle de seu *playground* latino. Como dizia o editorial do vespertino carioca *Última Hora* numa das edições de maio de 1964 da qual saiu o título do livro, o Brasil e sua atuação internacional estavam confiados a aristocratas de punhos de renda.

O enredo se desenrola ao longo das últimas cinco décadas, durante as quais um narrador não batizado – que funciona à perfeição como alter ego do autor – tenta seguir os passos do carismático vilão, seu colega mais velho no Ministério das Relações Exteriores. Inteligentíssimo e sagaz, agradabilíssimo no convívio social, Max fala sem sotaque algumas línguas, é cortejado por muita gente e tem um grupo bastante eclético de amigos, muitos de outras nacionalidades. Influente, boêmio, conhecedor de jazz, tinha um senso de humor “muito apreciado, por permitir que todos dessem mostras de finura e agilidade intelectual ao rirem de suas brincadeiras” (p. 45).

Na verdade, Max é a própria encarnação do arrivismo e não mede esforços para galgar posições cada vez mais prestigiosas, tanto quanto conseguir “sorrisos e afagos dos poderosos”, sejam eles embaixadores, espíões ou membros da igreja. As mostras dessa sua atuação se sucedem, como se vê na cena em que consegue um passaporte diplomático para um senador em menos de uma hora. Sem falar no beijo que dá no anel do cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, gesto que lhe rende numa verdadeira guinada na carreira. O clérigo passa a integrar de alguma maneira sua vida, chegando a aparecer em seu casamento com a bem nascida Marina, único personagem

feminino importante de um entrecho protagonizado por homens quase sempre jogadores e inescrupulosos, cujas artimanhas políticas fariam Nicolau Maquiavel parecer um santo.

Em deliciosa metáfora futebolística, o narrador afirma que Max “jogava no time dos vencedores, com direito a apoio do árbitro e silêncio garantido da torcida adversária” (p. 98). De fato, sua rede de influências inclui os serviços secretos e os governantes de vários países. Como se explicasse seu próprio caso, Max chega a afirmar que a colaboração dos diplomatas com os militares jamais visava ao dinheiro e se devia apenas ao medo e, ainda mais comumente, à vontade de ter acesso ao poder.

É por perceber isso que o narrador se vê estimulado a reconstruir a biografia do curioso personagem. Para dar cabo da empreitada, por vezes age como o carreirista: estabelece relações diretas com militares e espiões que conhecem Max, mas para seguir uma trilha de informações sigilosas que tornará públicas, ainda que apenas dezenas de anos depois.

Tendo servido no Uruguai e no Chile nas décadas de 60 e 70, Max é um articulador político que “vale seu peso em ouro”, como sugere o agente da CIA Eric Friedkin (p. 195). Tudo indica que o diplomata brasileiro foi um dos responsáveis pelas articulações internacionais que levaram aos golpes de estado no Uruguai e no Chile. Trabalhando ao mesmo tempo para o SNI, a CIA e o MI6 britânico, Max é um dos responsáveis pela tentativa de negociação da bomba atômica brasileira com os alemães e participa de grandes armações políticas que objetivam conseguir poder e prestígio internacional para nosso país. Mas, vazio de sonho e idealismo, não acredita em nada, sendo tão só o pavão que guia o condor, enquanto consegue promoções com uma agilidade impressionante.

Na última parte da obra, o narrador encontra o próprio Eric Friedkin, agora velho e aposentado. O ex-agente da CIA parece ligeiramente culpado e, ao lançar os olhos para os acontecimentos ocorridos quarenta anos antes, sabe que não tem mais nada a perder, então revela dados fundamentais à costura dos bastidores dos anos de chumbo, em sua garagem no distrito de La Jolla, nos subúrbios luxuosos de Los Angeles. Reconhece que a política na América do Sul caiu como um castelo de cartas, sob a regência da CIA, que manipulava os países como se fossem peões do jogo de xadrez que os Estados Unidos jogavam com a União Soviética.

Tudo isso nos faz refletir sobre o papel dos governantes no Brasil à época da ditadura e hoje, assim como acerca do papel de nosso país como importante *player* da política internacional desta região do globo. Fatos recentes da política nacional e internacional tocam tangencialmente a obra, levando-nos a refletir sobre temas como “A comissão da verdade”, o caso da exposição de documentos diplomáticos (Wikileaks) e o descaso com a sociedade por parte das autoridades.

Em uma entrevista à rádio Jovem Pan, Edgard Telles Ribeiro vai direto ao ponto: “O resumo do meu livro é a impunidade”. De fato, a obra parece um esforço de retratação, um pedido de desculpas em que o autor coloca em xeque seus colegas de profissão e a si mesmo. A pergunta é: como poderiam defender legitimamente nossa pátria se trabalhavam diretamente com os militares e, de certa forma, a mando deles, que então governavam o país?

Os diálogos de cunho ideológico que o narrador trava com Max e com o espião aposentado da CIA deixam transparecer as principais ideias apregoadas pela esquerda e pela direita naquele

período conturbado. Em síntese, a defesa dos direitos humanos é feita pelo narrador, enquanto as barbaridades são justificadas por Max e Eric Friedkin: os militantes mortos é que foram culpados por seus trágicos destinos, não podíamos ceder à ameaça comunista e a ditadura militar teria sido inevitável.

Com o distanciamento propiciado pelo tempo, qual será a posição do diplomata Marcílio Andrade Xavier nesta segunda década do século XXI? Estará amargando punição pelas arbitrariedades que ajudou a cometer e por ter participado da fabricação de um Brasil patético, autocrático e despreocupado com as vidas de seus cidadãos? Nada disso: continua se exibindo nas altas rodas e trabalhando junto à Presidência da República. Assim, parece fadado a ser apenas mais um integrante do rol dos honoráveis bandidos brasileiros. Aliás, esse desdobramento é de certa forma anunciado por Eric ao narrador, ao afirmar que jamais compreendeu as motivações de Max, cujo interesse se limitava ao enriquecimento de sua agenda pessoal, qual pavão que balança e ouriça as penas para se mostrar atraente, competente, influente.

O aspecto mirabolante da intriga encontra um ótimo contraponto na reconstrução quase jornalística dos eventos, cujos informantes são indicados pelo narrador. No entanto, algumas conversas secretas de Max com o então embaixador brasileiro no Uruguai, certas definições ventiladas na roda de pôquer dos militares e vários diálogos com informantes dos serviços secretos internacionais não têm a fonte apontada com precisão. O narrador descobriu tais informações por também estar envolvido nessas confabulações ou as reconstruiu a partir de pistas captadas aqui e ali? A pergunta reverbera na cabeça do leitor: qual o limite entre ficção e realidade em *O punho e a renda*?

Escrito de forma bastante cuidadosa e recheado de sutilezas, essa ficção histórica é perpassado pelo ceticismo machadiano, repleto de pensamentos impactantes, povoado de sacadas intelectuais e salpicado de expressões idiomáticas em língua inglesa magistralmente traduzidas. Ao combinar visada política com o deleite esperado da ficção, deixa entrever a cultura e o talento de um autor com obra já volumosa e prestigiada que, com esse romance alentado, mostra-se ainda mais maduro, sensível, viajado e atento às dobras das línguas, tanto quanto às nuances dos povos.